



**METAMORFOSE:**

REFLEXÕES SOBRE O PENSAMENTO DE IGNACIO ASSIS SILVA, OU TENTANDO  
ACHAR O FIO DA MEADA...

**METAMORPHOSIS:**

REFLECTIONS ON THE THOUGHTS OF IGNACIO ASSIS SILVA OR TRYING TO  
GET THE HANG OF IT...

Edna Maria Fernandes dos Santos NASCIMENTO  
UNESP – Universidade Estadual Paulista

*Mas o amor pela forma não se limita, para Goethe, ao deleite contemplativo. Qualquer forma viva é um elemento de uma transformação, e qualquer parte de alguma forma é, talvez, uma modificação de alguma outra. Goethe interessa-se apaixonadamente pela ideia de metamorfose que entrevê na planta e no esqueleto dos vertebrados. Procura as **forças** sob as **formas**, revela as modulações morfológicas; a continuidade das causas aparece-lhe sob a descontinuidade dos efeitos. Descobre que a folha transforma-se em pétala, estame, pistilo; que há uma identidade profunda entre a semente e o botão. Descreve com a maior precisão os efeitos da adaptação e alguns tropismos que regem o crescimento das plantas; o equilíbrio das forças se estabelece, hora a hora, entre uma lei íntima de desenvolvimento e o lugar e as circunstâncias acidentais. Ele é um dos fundadores do transformismo.*

(VALÉRY, 1999, p. 41-42; grifo do autor).

*O passado é somente o **lugar** das formas sem forças; cabe a nós fornecer-lhe vida e necessidade, supondo nele nossas paixões e nossos valores.*

(VALÉRY, 1999, p. 162; grifo do autor).

**RESUMO:** Este texto em homenagem a Ignacio Assis Silva busca as concepções teóricas fundadoras de seu pensamento. Ao debruçar o olhar sobre seus textos da década de 70 a 90, minha leitura percorre o caminho de um autor sempre preocupado em desvendar o nascedouro do sentido. Para flagrar esse

momento único da semiose, Silva propõe o conceito de metamorfose, termo-chave que lhe permite unir as duas pontas da sua formação: Gramática Histórica e Semiótica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metamorfose; Gramática Histórica; Semiótica; Ignacio Assis Silva.

**ABSTRACT:** This text, homage to Ignacio Assis Silva, looks for the founding theoretical conceptions of his thoughts. When I looked at his texts, from the 70's to the 90's, my reading went through the path of an author who is always worried about revealing the birthplace of meaning. To catch this unique moment of semiosis, Silva proposes the concept of metamorphosis, a key-term which allows us to unite the two ends of his formation: Historical Grammar and Semiotic.

**KEYWORDS:** Metamorphosis; Historical Grammar; Semiotic; Ignacio Assis Silva.

### Limites

Agradeço o convite para participar desta mesa “Reflexões à luz de Ignacio Assis Silva”, que é parte das atividades do *Seminário de Semiótica “Ignacio Vive: 10 anos de Grupo CASA”*, juntamente com o Prof. Dr. Alceu Dias Lima, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Célia de Moraes Leonel e a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Ferreira Pinto, colegas e, mais do que isso, queridos amigos de muitos anos. A alegria de estarmos juntos não abafa em mim a tristeza de não poder contar também com o nosso homenageado neste evento. Confesso que não me foi fácil aceitar a ideia de que teria de falar novamente sobre o Ignacio. Já prestamos várias homenagens a ele, e até achei que, depois de 10 anos, seria mais fácil. Ledo engano. Ficou mais difícil. Por que ficou mais difícil? Primeiro, porque falar de um amigo que talvez me ouça, mas não me responde é um diálogo pela metade, e nós que já jogamos tanta conversa fora. Segundo, porque falar de um amigo que não se encontra mais é bater de frente com a emoção. Terceiro, porque, ao começar a pensar no que falar sobre ele, ele começou a se presentificar e a tomar forma. Retomei seus textos; movida pela razão, a tarefa se impunha: preciso dar conta do convite e preparar alguma coisa à altura do homenageado.

A cada linha lida, a cada análise de Machado, de Ovídio, de Dali, de Brancusi, meticulosamente elaborada por ele, a emoção aflorava ao lembrar com que entusiasmo o Ignacio tratava essas obras de sua predileção. Oscilando entre o inteligível e o sensível, pincei da sua obra um tema de que julguei dar conta e, premida pela organização do evento, encaminhei o título do meu texto: “Metamorfose: reflexões sobre o pensamento de Ignacio Assis Silva, ou tentando achar o fio da meada...”. Cabe-me explicar a hesitação do título figurativizada pela conjunção *ou* e pelas reticências. A escolha do termo metamorfose é de fácil explicação, ele é recorrente nos textos ignacianos, e é sobre ele que quero refletir; mas era preciso delimitar um pouco mais o título para que os que se predispusessem a me ouvir soubessem melhor que recorte faria. Meu lado racional aflorou e produziu o enunciado: “reflexões sobre o pensamento de Ignacio Assis Silva”. Ao ler o título “Metamorfose: reflexões sobre o pensamento de Ignacio Assis Silva” senti o quanto ele estava imbuído de valor prático. E como que flagrada num erro, reví um sorriso irônico que se abria, deixando escapar a censura: “E sua *uis mithyca*?” Buscando a força mítica, cobrada no diálogo imaginado com o Ignacio, resolvi colocar uma alternativa que julgo contemplar o valor mítico: “ou tentando achar o fio da meada...”. A “expressão fio da meada”, aliada ao verbo “tentar” e “achar”, tem também um lado prático, não me compromete, porque vou tentar achar; se não achar, não quebro nenhum acordo fiduciário, não prometi nada. Além disso, ela remete ao sentido de coisa enovelada, coisa enredada, portanto, de difícil solução. Esse

sentido figurado também dá ao meu título um valor mítico e, remetendo às teias de Ariadne, ao labirinto do Minotauro, está mais próximo da *imagerie* (termo muito do seu gosto) ignaciana. Acredito que ele ia achar este título melhor.

Explicado o título, indico o caminho que pretendo trilhar. No livro *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso* (1995), logo no início, em três linhas, Ignacio presta uma homenagem: “*In memoriam*. Armando Tonioli. Algirdas Julien Greimas”. Dois nomes – inscritos em uma página quase em branco, que certamente têm razão de lá estarem em evidência, encabeçando um texto sobre metamorfose – sugerem-me questões: Por que um latinista, como o Prof. Tonioli, divide o espaço com o semioticista lituano Greimas? O fato de o latinista preceder – no espaço da página – o semioticista constrói algum efeito de sentido? O que esses dois antropônimos têm a ver com o conceito de metamorfose? Nesses dois estudiosos, estaria condensado o caminho que busco para tentar achar nas teias do texto ignaciano o fio da meada que me conduziria a uma melhor reflexão sobre o conceito de metamorfose? O termo metamorfose aparece em outros textos de Ignacio? E os dois homenageados estão presentes em outros textos? O caminho para essas respostas é recuperar outros textos dele.

### O fio da meada

Em 1969, os professores Ignacio Assis Silva, Edward Lopes, Eduardo Peñuela Cañizal, Alceu Dias Lima e Tiekko Yamaguchi se reuniram na UNESP de São José do Rio Preto, onde lecionavam, para “[...] montar um grupo de estudos voltado para o debate e a aplicação metodológica das ideias agitadas pela Semiologia da época. A criação de uma revista – *BACAB1* – Estudos Semiológicos – assinala o primeiro resultado prático desse projeto.” (LOPES; SILVA, 1984, p. 1). Essa revista, nos mesmos moldes do livro mencionado do Ignacio, traz, logo na primeira página, os dizeres “*In memoriam* de Joaquim Mattoso Câmara Júnior e Armando Tonioli”. Um linguista brasileiro faz par, nessa publicação de 1970, com o latinista. Essa homenagem é um indicativo da formação do grupo de articulistas da revista: uma época em que a Linguística sincrônica e descritiva do modelo norte-americano difundida por Mattoso Câmara começava a solidificar-se no Brasil<sup>2</sup> em meio a uma Linguística diacrônica e histórica. Entre os textos dos membros do grupo, há um do conhecido semiólogo francês Roland Barthes: “Sintagma e sistema”, fragmento do seu livro *Elementos de semiologia*. Influenciado por esse pensador francês, Ignacio escreve o artigo “As relações constitutivas do signo”. Partindo das concepções de signo de Saussure, ele se

---

1 A capa da revista reproduz o calendário anual asteca e, na contracapa, os redatores, Ignacio Assis Silva, Edward Lopes, Eduardo Peñuela Cañizal, Alceu Dias Lima e Tiekko Yamaguchi, explicam a escolha do título: “Apresenta-se aí, como foco de irradiação, o centro do calendário asteca, no qual se visualiza o chamado Ideograma Cósmico; as marcas de orientação geométrica do ideograma seriam os Bacabes, deuses demarcadores da orientação cósmica. O centro é ocupado pelo deus do quinto movimento – símbolo do estado cultural do homem maia-asteca. Escolhemos o Ideograma Cósmico como símbolo desta publicação por ser uma condensação de um dos mais fascinantes sistemas semiológicos da mundividência indígena americana.” Lembro que o termo, na mitologia maia, refere-se a quatro deuses, mas também à manifestação de uma única deidade, que, com braços levantados, sustentam o firmamento. (ENCICLOPEDIA BRITÂNICA, 1976, p.710) Os redatores, na quarta capa, ressaltam que “BACAB, inteiramente voltada para os problemas semiológicos, procura trilhar o mesmo caminho seguido pela Semiologia: tomando como modelo teórico a Linguística, procura colher nesta as ideias necessárias à construção de uma metalinguagem adequada ao exame de alguns aspectos básicos da comunicação humana [...]” Esses textos explicativos configuram os atores-redatores como esse deus único que se embrenha nessa tarefa hercúlea de construir uma metalinguagem adequada que possibilite compreender as significações simbólicas da cultura?

2A disciplina Linguística foi introduzida nos Cursos de Letras no Brasil na década de 60 do século XX.

atém à dinâmica relacional estabelecida entre os signos na língua e também entre os signos na mensagem. Centrando-se no signo, esse artigo do Ignacio sintetiza suas preocupações semiológicas:

[...] impõe-se investigar, na análise da mensagem, as dimensões paradigmática e sintagmática do signo, isto é, verificar, de um lado, o que opõe o signo atualizado aos signos não atualizados e, de outro, a relação desse signo com os demais signos presentes na mensagem. [...] Impõe-se pesquisar também as alterações provocadas pela pressão sintagmática no elemento do paradigma (do sistema) e levar em conta as variações devidas a fatores individuais e regionais. (SILVA, 1970, p. 29).

O foco deste artigo é a significação que transcende o nível da mera denotação, porque, fundamentando-se em Barthes, considera também a conotação. Já nessa fase semiológica de seus estudos, Ignacio aponta, no final do texto, preocupações de ordem da semiótica que o identificam como um pré-semiotista que, ao delimitar o campo de análise da Linguística, amplia seu objeto, sugerindo um segundo nível de análise que deve se ater ao discurso de diferentes linguagens. O período que fecha o texto expressa seu novo caminho:

Na Linguística, cabe à GRAMÁTICA (como é entendida modernamente) a descrição da integração dos elementos apreendidos pela segmentação. Imprescindível, por conseguinte, que à fase analítica de um texto literário (prosa ou verso), de um quadro, de um texto mítico, de qualquer tipo de discurso enfim, o pesquisador acrescente uma segunda fase – a elaboração da *gramática* dos elementos apreendidos nesse discurso. [...] Mas é nossa intenção tratar da *gramática do discurso* num artigo a ser publicado oportunamente. (SILVA, 1970, p. 30; grifos do autor).

A *Revista de Cultura Vozes*, em 1972, reúne, sob o título “Conceitos básicos de semântica”, artigos dos mesmos professores que escreveram na revista *BACAB*. Introduz esses textos, na seção intitulada “Documentário”, o estudo de Ignacio “Direções atuais da semântica estrutural”. Nesse caderno especial, ele aponta as principais direções da semântica estrutural, notadamente a partir da obra de Greimas publicada em 1966, *Semântica estrutural: pesquisa de método*, e critica as deficiências dos trabalhos sobre a matéria lançados no Brasil. Ainda voltado para a descrição semântica da palavra, escreve, no mesmo periódico, o artigo “Diversificação semolexêmica e sinonímia: um enfoque estratificacional da linguagem”, mostrando os principais pontos da teoria estratificacional da linguagem, que tem nos trabalhos de Sydney Lamb, James H. White e David Bennet suas diretrizes básicas.

Ainda na década de 70, esse mesmo grupo de docentes funda o Centro de Estudos Semióticos em julho de 1973, em Ribeirão Preto, e publica, em 1974, com o apoio financeiro da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Barão de Mauá (hoje centro Universitário Barão de Mauá) *Significação: revista brasileira de semiótica*. O primeiro número desse periódico é uma homenagem a A. J. Greimas, patrono do recém-fundado Centro, que havia ministrado, em julho de 1973, na mesma instituição de ensino superior o curso “Semiótica da narrativa”. Contando com o artigo de Greimas “L’*énonciation*”, a revista propõe-se a construir uma metalinguagem científica para a abordagem dos problemas semióticos e reúne artigos que têm como ponto de convergência concepções teóricas postuladas pelo semiotista lituano em artigos e desenvolvidas no mencionado curso ministrado no Brasil. Retomando conceitos greimasianos, Ignacio busca descrever a relação

código (a língua) e o mundo dos objetos no artigo “A estruturação do universo linguístico: para uma hierarquização de critérios na descrição linguística”. Observa-se, nesse artigo, o nascedouro de uma preocupação teórica que acompanhará Ignacio a vida toda: a significação como semiose, ou seja, como processo instaurador da relação intrassignica na construção dos objetos culturais, linguísticos ou não. Não só a leitura de *Semântica estrutural*, de Greimas, que tem um subtítulo sugestivo para uma época de busca teórica, “pesquisa de método”, mostra caminhos para o jovem aluno de Greimas, mas também as recentes descobertas do mestre que expõe a construção da sua teoria no curso dado no Brasil em 1973. O trecho do artigo em que Ignacio comenta as descobertas e hesitações de Greimas, durante suas aulas, é longo, mas vale a pena recortá-lo por inteiro, pelo brilhantismo e didática do texto ignaciano e pela fratura que a teoria provoca no jovem semanticista Ignacio:

Greimas (19703, p. 24) conseguiu sintetizar de modo bastante claro esta relação entre o código (a língua) e o mundo dos objetos. [...] Foi para dar conta desta dupla coerção na relação código-mundo que Greimas propôs (19664) se distinguissem dois níveis no plano de conteúdo: um **nível semântico** e um **nível semiológico**. Atualmente Greimas (1973, aula de 11-07-1973) se declara propenso a substituir a expressão **nível semiológico** por **nível figurativo**. A sua justificação para a mudança terminológica é que, tomando o universo significativo do ponto de vista do *leitor do mundo*, observa-se a existência, além dos semas que configuram o nível semântico, de semas que encontram correlatos no mundo exterior (como por exemplo, os semas que diferenciam os lexemas **grande vs pequeno, alto vs baixo, quadrado vs redondo, reto vs curvo**). [...] Isso quer dizer – continua Greimas – que o mundo exterior, na medida em que signifique alguma coisa, no-la significa mediante uma articulação visual, olfativa, etc. Assim, tomando o referente o que Greimas chama de referente é uma semiótica não linguística, vê-se que os significantes do referente são reencontrados na língua natural sob a forma de significados. Há, por assim dizer, uma mediação: o significante que está em torno de mim passa pelo cérebro e sai novamente sob a forma de significado. Na relação mundo-pensamento, o cérebro funciona como um mediador, transformando significantes em significados. Após insistir na importância de distinguir entre categorias sêmicas que se definem, por assim dizer, como interiores ao falante, e outras para as quais é possível estabelecer correlações existentes fora do falante, ou mais precisamente, entre categorias interoceptivas e categorias exteroceptivas, Greimas se decide a denominar as segundas pela expressão **nível figurativo**, cuja função é articular, transformar o mundo exterior em significação; quanto ao conjunto das categorias interoceptivas, continua denominando-o pela expressão **nível semântico**, embora se declare insatisfeito com o termo semântico, porque está sendo usado em sentido restrito. (SILVA, 1974, p. 30; grifo do autor).

Com a descoberta desses traços figurativos que subjazem à instância de realização do enunciado definido por ele como “[...] a caminhada que vai do fenômeno de linguagem, humano e universal, para o fenômeno de fala, individual e particular” (SILVA,

---

3 Nesta citação, o autor refere-se a GREIMAS, A. J. *Du sens*. Paris: Seuil, 1970, cuja tradução em português recebeu o título *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

4 Nesta citação, o autor refere-se a GREIMAS, A. J. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse, 1966, cuja tradução em português recebeu o título *Semântica estrutural: pesquisa de método*. São Paulo: Cultrix, 1976.

1974, 39), Ignacio vislumbra a possibilidade do estudo das linguagens a partir de duas instâncias, propostas por Greimas, o nível imanente, ou da gramática profunda e o aparente, o da gramática de superfície. Retomando os *stratas* da linguagem, forma da expressão e forma do conteúdo, postulados por Hjelmslev (1975), num esquema, ele apresenta (SILVA, 1974, p. 40) o movimento formalizador da passagem das categorias fêmicas do plano de expressão e das categorias sêmicas do plano de conteúdo, que, em uma perspectiva greimasiana, instalam-se no nível profundo. Segundo ele, as categorias fêmicas se constituem em fememas, diagramas femêmicos, fonemas, sílabas, lexemas/morfemas e as categorias sêmicas obedecem ao seguinte percurso análogo: sememas, diagramas semêmicos, significados, frases. A união do lexema na frase é a instância de realização. Esse percurso de formação do plano de expressão e do plano de conteúdo das linguagens é, a meu ver, um modelo que se configura como uma tentativa de flagrar como se dá a semiose expressa pelo plano de expressão e de conteúdo de qualquer língua natural.

O artigo da década de 80 “A construção do ator: do sîgnico ao simbólico” (SILVA, 1987) retoma a preocupação com a semiose, agora, não como um modelo virtual da passagem do mundo natural para a língua natural, mas como tentativa de flagrar o nascedouro do sentido em um texto. Para tanto, apoia-se no belo texto machadiano “Um apólogo” e acompanha o modo como o signo em estado de dicionário se transforma em estado de símbolo novo no discurso, afirmando: “Por outras palavras, não nos interessam os símbolos, mas a simbolização, ou seja, o processo de desconstrução de um simbolismo estereotipado para a construção de um simbolismo novo.” (SILVA, 1987, p. 51). O exemplo escolhido por ele para exemplificar seu modelo é a figura-ator agulha que assim se constrói:

Para transformar a entidade lexical /agulha/ em entidade discursiva, em protagonista do discurso, esse trabalho de simbolização procede a uma verdadeira *refuncionalização* que transforma, por exemplo, a função prática da *superatividade* de /cabeça/ em função mítica. (SILVA, 1987, p. 52; grifo do autor).

O signo agulha detém a figura sêmica /superatividade/, mas lembra Ignacio que, no texto de Machado de Assis, a agulha dialoga com a linha e é ela que fura o pano, que vem em primeiro lugar e puxa a linha que vem atrás “[...] obedecendo ao que eu faço e mando...”. À função prática da agulha “furar o pano” (significado em estado de dicionário) acrescenta-se uma função mítica – “sua posição de comando” – em relação à linha. É a narrativa machadiana que “fez ser” um novo signo, na perspectiva ignaciana. Algumas conclusões a que chega Ignacio (1987, p. 53-56), fundamentado em Greimas, chamam a atenção: 1) o trabalho discursivo simula, a cada produção textual, o trabalho de leitura do mundo natural pela língua natural; 2) a figura-ator, como lugar construído pelo e no discurso (que é egocentrado), revela-se como o lugar por excelência de constituição da intersemiotividade, isto é, como lugar ou instância semissimbólica onde se sincretiza a disjunção mundo natural/língua natural; 3) o sincretismo simboliza a construção pelo homem e para o homem de um lugar dotado de sentido para o seu ser/estar no mundo: as figuras narratológicas com que ele pontua (baliza) suas narrativas são a representação miniaturizada desse encontro.

Essas questões são retomadas por Ignacio no artigo “Indagações sobre os fundamentos da linguagem” (1990). Partindo do verbete figuratividade do *Dictionnaire II* (1986) que insiste na diferença entre figuratividade e figurativização, ele chama a atenção para o fato de que a primeira constitui um estenograma que estrutura o nível profundo do discurso e é estudada pela semântica fundamental da gramática profunda; já a segunda

constitui a figurativização propriamente dita e é objeto da semântica da gramática discursiva. Tais distinções, vale lembrar, colocam-se como continuidade das preocupações do jovem aluno Ignacio no curso ministrado por Greimas em 1973, no Brasil – agora não mais em relação ao signo, mas voltado para o discurso – e o farão indagar sobre os fundamentos da linguagem, ou seja, buscar o nascedouro do sentido, a partir de então, apoiado no conceito de metamorfose.

O artigo, ainda que pequeno, de apenas dez páginas, é muito rico porque contém as balizas do seu livro *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso* (1995). Os dois textos têm como eixo as concepções de metamorfose, figuratividade e figurativização. O livro discute com mais profundidade esses conceitos, recuperando do artigo de 1990 a análise das obras “As metamorfoses de um touro” de Picasso, “Metamorfoses” de Ovídio, “Pássaro no espaço” de Brancusi, e introduzindo outras como “Metamorfosis de Narciso” de Salvador Dali. A leitura do livro mostra a continuidade de seus estudos sobre metamorfose e revela sua persistente ambição de chegar a flagrar o nascimento da semiose, principalmente, quando ele, como que num ato de confissão, expõe que, sob o subtítulo “o mito de Narciso”, encontram-se as “indagações sobre os fundamentos da linguagem”. O estudo do mito de Narciso é o mote para a discussão da tensão entre o sensível e o inteligível que funda o ato de linguagem:

O título original deste trabalho era *Figurativização e metamorfose: indagações sobre os fundamentos da linguagem*. Com esse nome, queria sinalizar que a caminhada far-se-ia nesse sentido, que as indagações tentariam, se não deslindar, pelo menos lançar algumas balizas nesse campo bastante complexo, mas fascinante, que é a relação homem-linguagem-mito-mundo; queria chamar a atenção para a *uis mythica* que faz com que o homem leia o mundo não de maneira objetiva, inerte, neutra, como um sujeito em grau zero, mas também não como um sujeito pleno, oceânico, barthesiano, e, sim, como um sujeito que desliza entre esses dois polos. (SILVA, 1995, p. 28).

Mas essa ambição de tentar apreender a estruturação dos primitivos figurativos e “[...] chegar a constituir uma espécie de gramática profunda dos modos de expressão, por meio de figuras, dos grandes temas que embasam e embalam o ser-estar do homem no mundo” (SILVA, 1995, p. 29), é contida ao constatar que o instrumental de que ele dispõe, a semiótica narratológica, na década de 90, é, em vários pontos, uma ferramenta ainda rústica:

Explicitar essa estruturação possível dos primitivos figurativos enquanto arcabouço organizador do imaginário humano, a esta altura dos estudos semióticos, seria sonhar longe demais. Temos, por enquanto, de trabalhar no sentido de ver como é que essa estruturação funciona, atua, na camada profunda, organizando o substrato figurativo a partir do qual o texto entrama, molda, enforma o tema ou temas que o discurso põe em andamento. Na impossibilidade de tentar o macrouniverso (o imaginário humano), contentar-se com o microuniverso em que aquele se espelha, o texto. (SILVA, 1995, p. 30).

Nas linhas a seguir, seu objetivo é ainda mais afinado: “Meu interesse é ver de que modo esse nível funciona como uma espécie de matriz figurativa que estabelece como intertextos textos diferentes.” (SILVA, 1995, p. 30) É sob esse prisma que ele analisa, por exemplo, o mito de Narciso em Ovídio e em Dali, buscando a figuratividade profunda que repercute, ressoa, na superfície do texto, ou seja, a relação entre a figuratividade profunda,

denominada por Ignacio figuralidade, e a de superfície. Fundamentando-se em Cassirer, que vê como marca do gênero humano ser um ser simbólico, e retendo a ideia de Edgar Morin, de que o simbolismo tem suas raízes na evolução das espécies que se metamorfoseiam sem cessar, Ignacio propõe o conceito de metamorfose como fundador da semiose:

Importa reter daí a ideia de renascimento incessante, bem como a ideia de produção produzida pela destruição: a metamorfose, de um modo geral, implica destruição, ou melhor, desconstrução de uma forma anterior, que não desaparece totalmente. Dela ficam traços na forma nova, que são os elementos em que minha hipótese de trabalho se firma a fim de pensar um pouco os fundamentos da linguagem. Exagerando um pouco, diria que na transformação de uma experiência em signo ocorre uma metamorfose fundadora. Metamorfose porque não fica tudo da experiência no signo, uma forma nova que é uma redução; fundadora porque está nas raízes da semiose. (SILVA, 1995, p. 31, 32).

Partindo de proposições como essas de Cassirer, para quem a metamorfose é um traço característico do pensamento mítico, uma lei que o governa, passando por Lévi-Strauss, para quem o pensamento mítico é por essência transformador, por Greimas e Detienne, que destacam as lógicas figurativas de que se vale o homem para pensar a si mesmo e ao mundo, por Calame, que chama a atenção para a faculdade que tem o mito de reestruturar a realidade extratextual, Ignacio afirma, na “Nota introdutória” a seu texto,

[...] meu trabalho retoma os questionamentos mais recentes da semiótica narratológica sobre os processos semissimbólicos envolvidos na produção discursiva, para, à luz desses processos, assumir a metamorfose como modelo figurativo de importância fundamental para reflexão sobre o lugar e a função da racionalidade mítica que perpassa não apenas a linguagem verbal, mas as linguagens. (SILVA, 1995, p. 14-15).

O percurso de Ignacio na busca do sentido organiza-se a partir de três conceitos de metamorfose (SILVA, 1995, p.64-67): Metamorfose 1: *parole* do mundo – leitura do mundo; Metamorfose 2: ato de linguagem que faz-ser a relação semissimbólica; Metamorfose 3: ato de linguagem que faz-ser a linguagem das linguagens.

No que se refere ao primeiro conceito, afirma que é o ato de linguagem que narra (narração, segundo ele, extremamente problemática, porque não conseguimos flagrá-la) a transformação de um estado de coisas num estado sígnico. É uma espécie de metamorfose primordial semelhante à que ocorre na semiose animal e, se conseguíssemos chegar a ela, atingiríamos o verdadeiro substrato figurativo do signo. O exemplo dado por ele é extraído da obra de Greimas (1976, p. 64) que cita Raymond Ruyer o qual chama a atenção para a oposição que uma ave faz em relação a outra que se aproxima: entre ave de pescoço longo e cauda curta *versus* ave de pescoço curto e cauda longa, ela lê uma como amiga e outra, como inimiga. Tal comportamento das aves é uma espécie de metamorfose elementar, já que se trata de transformar algo da ordem do sensível em algo da ordem do inteligível. Nesse passo, Ignacio lembra o texto de Zilberberg (1981, p. 72) que descreve esse momento único em que um estado amorfo é mobilizado para se fabricar um objeto dotado de estrutura: “Surpreender os caminhos da semiotização de uma substância, entrever o momento em que o sentido, como uma massa em fusão, vai ser batido, enformado, vai tornar-se, enfim, apto a ser transmitido e recebido...” 5

---

5 A tradução é de Ignacio Assis Silva.

Para que não haja dúvida de que considera a língua como processo e não como produto, Ignacio fundamenta-se na distinção de W. von Humboldt entre *enérgeia* e *érgon*, esclarecendo, na nota 3 da página 82, a diferença entre estrutura e estruturação: “Um dos equívocos das críticas ao Estruturalismo foi colocar no mesmo saco estrutura e estruturação. Pode-se até falar mal das estruturas, colocá-las entre parênteses; não se pode ignorar a estruturação: qualidades inestruturadas não têm sentido.” (SILVA, 1995, p. 82)



Figura 1

Para Ignacio, o signo não é fruto de um contrato sígnico que alguém “assinou” por ele, mas é resultado de uma transformação, uma metamorfose que se processa na passagem de uma primeira percepção do mundo natural para a língua natural. Com a análise da escultura de Brancusi “Oiseau dans l’espace” (Figura 1), ele mostra que ela se apresenta como o essencial do voo de um pássaro-linha, como uma tentativa de evacuação de toda injunção social, de todo o peso do conceito, que impede de apreender diretamente a coisa. Brancusi despoja a figura do pássaro que provoca o efeito de sentido de aproximação, de iconização, de ilusão de real, que reverbera, cintila na superfície do texto e tenta esculpir a figuralidade subjacente no nível do discurso. Ele lança uma ponte em direção à essência do voo. É esse estado mítico despojado, primordial, que estaria nas raízes da transformação de estado de coisa em estado de signo: chegar àquilo que torna as coisas possíveis antes mesmo que haja coisa.

Esse percurso de mergulho na figuralidade é também exemplificado, por Ignacio, pelas “Metamorfoses de um touro” de Picasso (Figura 2). Segundo ele, Picasso mostra uma espécie de percurso semiótico ao contrário do texto plástico: da forma plena do touro à sua estrutura elementar, o touro-linha.



Figura 2

No que se refere à Metamorfose 2: ato de linguagem que faz-er a relação semissimbólica, Ignacio afirma tratar-se de um ato de linguagem que narra a transformação de um estado sígnico num estado simbólico. O exemplo é a metamorfose de Narciso, de Ovídio: no começo, há um Narciso-homem; depois, o Narciso-imagem, aquele refletido na água; no final, um Narciso-flor. Distinguem-se, na caminhada de Narciso, três etapas: a) estado de atualidade sígnica ou virtualidade simbólica: com valor inscrito (signo em “estado de dicionário”); b) estado de virtualidade sígnica: sem valor inscrito (expressão sem valor definicional, mas de bom valor mnemotécnico), operador mítico (semissimbólico); c) estado de atualidade simbólica: com valor reinscrito. A operação semissimbólica, actorializada pelo Narciso-imagem, reinscreve valores nos signos em estado de língua, que permaneciam adormecidos pela imagem que nos passam dele, transformando valor velho em valor novo ou trocando de valor. Ao reinscrever valores, esse percurso recupera, redime, desperta valores adormecidos. A reiteração do prefixo *re* nos verbos é explicada por Ignacio: “Insisto nisso porque quero que esse *re* signifique a recuperação do tempo, da dimensão temporal do signo, de um tempo que não chega até a gente com “cara” de tempo e que como tal deve ser chamado de diacronia e não de história.” (SILVA, 1995, p. 66).

No simulacro de mundo, criado pelo sujeito da enunciação, há, segundo Ignacio (1995, p. 61), uma operação de ressemantização, uma metamorfose, uma transformação do estado de signo em semissimbólico<sup>6</sup> que faz-ser o sentido. Comenta ele, nas páginas seguintes (1995, p. 62,63), que fazer-ser é uma expressão típica da semiótica greimasiana: a enunciação faz-ser o sentido, que não preexiste a ela:

<sup>6</sup>Estado sígnico novo que é produto de uma enunciação.

Os linguistas também acreditam nisso: o que preexiste ao enunciado é uma língua que é vista, não como um lugar acabado, realizado, mas como um lugar de virtualidades de sentido. É o que nos ensina explicitamente a linguística de um Guillaume, de um Coseriu, de um Pottier: a língua é um sistema de virtualidades e não de coisas prontas, acabadas. A semiótica, procurando aproveitar de modo sistemático esse jogo entre o âmbito das virtualidades e o das realizações, vê na enunciação o ato de linguagem que transforma algo do estado virtual em algo realizado, atualizado.

Ressalta que um dos vícios que o aprendizado tradicional de língua e de linguística foi inculcando em nós é o de acreditarmos no signo como algo que está dado, pronto, e que não nos resta a não ser trabalhar com ele como tijolo; essa visão sufoca exatamente aquilo que torna o signo algo vivo, em ebulição, a semiose, a significação, o processo que faz (re)nascer o signo. Exemplificando novamente a metamorfose 2, analisa um painel de propaganda da administração de Faria Lima (Figura 3) – prefeito que começou a mudar radicalmente a fisionomia da cidade de São Paulo – que diz: “Visite a nova São Paulo, a cidade que se humaniza”, propondo-nos a seguinte questão: “Como é que o anúncio diz plasticamente isso?” Responde logo a seguir:



Figura 3

Sobre o plano da superfície plástica, em vertical, uma colher de madeira, encoberta de um lado por restos de argamassa, desgastada de outro, em tons terra-areia; em diagonal e sobreposta à colher uma rosa rubra lindíssima. Para entendermos o processo de produção das conotações da rosa, da colher de madeira, não podemos nos deter na rosa, na colher de madeira como signos prontos, como símbolos estereotipados. Para ver o que a rosa diz, precisamos ir àquilo que faz com que ela diga o que diz: ir ao que subjaz ao signo rosa e à colher de madeira, à montagem, aos recortes do espaço, da forma e da cor, bem como à interação entre esses recortes que transformam a rosa e a colher de madeira de signos, ou melhor, de símbolos estereotipados, em símbolos vivos.

Conclui (SILVA, 1995, p. 63):

O que interessa aí é o encontro da colher com a rosa. E esse encontro é produto de um ato de linguagem, de uma enunciação que faz-ser um estado sógnico novo, que transforma um estado de virtualidade nos códigos, em símbolos vivos. Esses estados de virtualidade simbólica estão como que adormecidos no signo em estado de dicionário (Drummond). O que o ato de linguagem faz é tocar esses tijolos adormecidos e despertar as suas latências simbólicas (o signo lateja, o importante é reaprender a senti-lo e a ouvi-lo).

Esses trechos recortados do livro do Ignacio exemplificam a ressemantização que sofrem as figuras *rosa* e *pá* ao se relacionarem no ato de linguagem, em uma enunciação. Os significados dessas figuras lexemáticas (signo) adormecidos em estado de dicionário são reativados, construindo um novo sentido que é determinado por uma enunciação.

A última metamorfose – Metamorfose 3: ato de linguagem que faz-ser a linguagem das linguagens – é uma operação intersemiótica, sincrética que constitui a cultura. Para ele, essa metamorfose acontece se deixarmos de ler, por exemplo, apenas o Narciso narrado por Ovídio para tentar chegar ao de Caravaggio (Figura 4) e ao de Dalí (Figura 5), em

que se tem um Narciso visual que cruza com seu Narciso verbal, o poema, com seu Narciso metaverbal (texto do próprio Dalí sobre o poema e o quadro), que cruza com o Narciso de Burk Uzzle-Magnum (Figura 6).



Figura 4



Figura 5



Figura 6

Valorizando o aspecto de *mise en discours*, como se pode ver, para Ignacio, a concepção de metamorfose como operação (e não relação) atua sobre (rege) estruturas míticas (relações semissimbólicas). Assim “A metamorfose é um ato de linguagem (e não de língua!) que faz-ser um estado novo: uma operação semissimbólica que chama à existência estruturas míticas.” (SILVA, 1995, p. 61). Com esse conceito, ele procura depreender os suportes figurais profundos sobre os quais a discursivização, atuando tanto na diacronia extratextual como na diacronia intratextual, diegética, reconfigura, por exemplo, a metamorfose de Narciso, guindando-a ao estatuto de mito.

Nessa caminhada pelas metamorfoses, ele (SILVA, 1995, p. 138) assume que, subjacente à mudança das formas, existe a permanência de um modelo, cuja depreensão pode ser facilitada, recorrendo-se a informações etimológicas encontráveis em indo-europeístas, como Benveniste, Meillet, Ernout, entre outros. Para ele, com o levantamento do étimo dos termos, é possível restaurar as oposições que geraram sua figuralidade inaugural, ficando mais fácil explicitar o funcionamento da metamorfose que gera um novo sentido. Suas indagações sobre os fundamentos da linguagem que se configuram como uma metodologia própria de análise de texto alça a etimologia, o comparativismo linguístico como essenciais para a busca da significação e constituem um alerta para se pensar o lugar que elas deveriam ocupar na teoria semiótica:

A escritura de autores como Lewis Carroll, James Joyce e, entre nós, Guimarães Rosa, de um lado; de Freud, Lacan e Barthes, de outro, sugerem que a etimologia, o comparativismo linguístico extravasam o âmbito do linguístico e precisam ocupar um lugar ao sol na semiótica. (SILVA, 1995, p. 138).

Para ele, a etimologia nos ajuda a ir além da condição de haver signos, ela nos ajuda a repensar nas condições de haver signos e a descer ao *logos* vazio e insignificante que é a condição das linguagens. Ela nos ajuda a (1) tratar a forma não à maneira de uma palavra ou de um conceito, mas como expressão de uma força; (2) procurar descer da palavra a seu fundamento: a afirmação que a faz signo; (3) fazer eclodir um *logos* que, reativado na linguagem, reanima, em cada palavra, em cada sentido, o movimento abridor do caminho que o preparou e que devolve, a cada palavra, a cada sentido, a força que é sua condição.

Essa reativação ou banho na linguagem, segundo Ignacio (SILVA, 1995, p. 214), é um mergulho naquela figuratividade do *reg-* indo-europeu benvenistiano. A veia latinista de Ignacio lembra que, quando Benveniste retoma as origens indo-europeias do termo *rex*, que significa “aquele que traça a linha”, há uma recuperação da pujança da diacronia do signo que hoje se nos apresenta sobretudo em sua faceta sígnica. “Aquele que traça a linha” é uma recuperação do simbólico, do analógico, uma remotivação: “Em *rex* importa ver menos o soberano do que aquele que traça a linha, o caminho a seguir, que encarna, ao mesmo tempo, o que é direito: a noção concreta enunciada pela raiz \**reg-* está muito mais viva em *rex*, na origem, do que nós pensamos.” (BENVENISTE, 1969, p.9)

As palavras, para Ignacio, tornam-se símbolos que soam de boca em boca e circulam apenas em função de seu valor convencional, até que, de repente, uma cai e, como uma moeda que tomba na calçada, tine. A palavra recai, assim, no seu estado original de matéria, de metal. E a queda a transmuda pelo renascimento das cinzas a que foi reduzida pela exacerbação da vertente do *logos*. Os exemplos de Ignacio (1995), a agulha do “Um apólogo” machadiano, o pássaro no espaço brancusiano, o touro-linha picassiano, mostram, mais uma vez, que, antes de ser conceito, entendimento, espírito, a palavra é matéria, é corpo dotado de uma outra forma, de uma outra voz, sufocada sob a escória da linguagem cotidiana. Não é a palavra de uso, a palavra-conceito que mexe com o sujeito, mas, na sua visão patemizada, o que o sujeito vê ou sente é matizado com tintas da paixão. São esses estados de alma evocados pelas palavras que constituem o percurso de vida de cada sujeito, e Ignacio conclui:

Mais: as palavras que de fato marcam nossa existência são aquelas que conservam vivas as reminiscências de suas raízes figurativas, em cima das quais se foram tecendo os simbolismos que nos fazem ser como sujeitos. Em *árvore*, por exemplo, não é o conceito, não é o lado classemático, noológico, mas seus vínculos cosmológicos, sua figuralidade, que tecem toda uma *imagerie* que nos faz não apenas sonhar, mas ser. (SILVA, 1995, p. 214).

### **A fruta dentro da casca**

O tema central das pesquisas de Ignacio, na minha leitura, é sempre o mesmo: a busca da estruturação do sentido. Como semanticista e semiólogo, a busca da significação que instaura o signo; como semioticista, a preocupação com a transformação do mundo natural em mundo da linguagem e com a transformação da linguagem estereotipada em uma nova linguagem, mediada pela metamorfose que faz-ser o novo sentido no texto. Seguindo a sugestão de Ignacio, debruço um olhar diacrônico sobre seus textos e tento recuperar a figuralidade do ator Ignacio: um indo-europeísta metamorfoseado em semioticista. Os traços dessa figuralidade brotam de sua própria fala no trecho em que comenta que, ao aprender latim, não lhe ensinaram a buscar o sentido original de cada termo:

Aliás, isso é uma coisa que não se costuma ensinar nas Faculdades de Letras. Eu, por exemplo, no meu curso de Letras clássicas, fiz estudos comparativos ou etimológicos que, no entanto, não me mostraram nada disso; não me mostraram que estudar gramática histórica não é buscar relacionamentos de superfície e, sim, buscar recuperar, de algum modo, mesmo pela gramática, mas sobretudo pelo léxico e relações lexicais, a visão de mundo embutida naquela fase que estamos tentando ver. Fiz clássicas na Universidade de São Paulo, estudei latim e grego no meu tempo de Seminário, fui professor de língua e literatura latina na UNESP, estudei muito latim, mas nunca ninguém

me ensinou a tomar conhecimento desse lado gostoso do trabalho com textos clássicos. (SILVA, 1995, p. 36-37).

Volto para os nomes homenageados no livro *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso*: em primeiro lugar, Tonioli, um professor de latim; em segundo, um semioticista, Greimas. Sob a figuratividade desses dois antropônimos esconde-se, como uma charada a ser desvendada, o ator Ignacio: o jovem professor de latim, o latinista Ignacio nos seus primeiros anos de magistério e o semioticista maduro. Tonioli, Greimas: campos opostos de estudos da linguagem? Para o Ignacio não, para ele, o semioticista como os indo-europeístas Benveniste, Meillet e Ernout devem buscar a etimologia da palavra para chegar à figuralidade.

Buscando sempre dar conta de como o sentido se faz, ele enveredou pelos caminhos da semântica linguística, dissecando os semas que compõem o significado da palavra, e pelos da semiologia barthesiana, que examina a significação resultante da dinâmica relacional sintagma/sistema. O curso de Greimas, ministrado no Brasil em 1973, provocou uma fratura no pensamento ignaciano, que não sei se doeu tanto quanto a picada de jararaca, mas que, acredito, incentivou-o a se aprofundar mais nos estudos semióticos. O encontro com Greimas e seu convite, como o Ignacio gostava de frisar, para participar de seus seminários na Sorbonne, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em 1980, divide sua vida em um antes e um depois. Se, ao começar estudar Greimas, na década de 70, uma metamorfose se processava nele, com a ida aos seminários greimasianos, a mutação foi incrementada. Mas metamorfose, como define ele, não é zerar todos os semas, é apenas alterar alguns. No Ignacio greimasiano dos últimos estudos, os traços figurativos do latinista não se apagaram, pelo contrário, rearranjaram-se ao se encontrarem com a teoria semiótica greimasiana para, desse sincretismo, nascer um outro Ignacio que, assim como Narciso-flor, estava contido no Narciso-homem, ou machadianamente, como a menina de Matacavalos já continha a Capitu-mulher de Bentinho da Praia da Glória: “[...] se te lembras bem da Capitu menina, há de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca” (MACHADO, 1960, p. 234). Ignacio-jovem dos tempos de seminário, de professor de latim, como Narciso-homem e Capitu-menina, já continha o Ignacio-homem-semioticista.

### Referências bibliográficas

- ASSIS, M. de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Cultrix, 1960.
- BENVENISTE, E. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. Paris: Minuit, 1969.
- ENCICLOPEDIA BRITÂNICA. Chicago: Willian Benton; Helen Hemingway Benton, 1976.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage II*. Paris: Hachette, 1986.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. Trad. Haqira Osakabe e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Cultrix, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Trad. Ana Cristina Cruz César. Petrópolis: Vozes, 1975.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LOPES, E.; SILVA, I.A. O Centro de Estudos Semióticos A. J. GREIMAS: 1973-1983. *Significação: revista brasileira de semiótica*, Araraquara, n.4, p.1-17, 1984.

SILVA, I. A. *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1995.

\_\_\_\_\_. Indagações sobre os fundamentos da linguagem. In: *Significação: revista brasileira de semiótica*. São Paulo, n.8 e 9, 5-16, 1990.

\_\_\_\_\_. A construção do ator: do sógnico ao simbólico. In: \_\_\_\_\_. São Paulo, n.6, 51-58, 1987.

\_\_\_\_\_. Estruturação do universo linguístico: para uma hierarquização de critério na descrição linguística. In: \_\_\_\_\_. Ribeirão Preto, n.1, 26-42, 1974.

\_\_\_\_\_. Direções atuais da semântica estrutural. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, n.2, vol. 66, p. 5-20, 1972a.

\_\_\_\_\_. Diversificação semolexêmica e sinonímia: um enfoque estratificacional. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, n.2, vol. 66, p. 51-60, 1972b.

\_\_\_\_\_. As relações constitutivas do signo. *BACAB: estudos semiológicos*. São José do Rio Preto, n.1, p. 7-32, 1970.

VALÉRY, P. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

ZILBERBERG, C. *Essais sur les modalités tensives*. Amsterdam: Benjamins, 1981.